

(transcrição)

Roma, 10 de maio de 1970

Reflexões após voos espaciais

«Não é verdade que a ciência e a fé caminhem separadamente por estradas diferentes. A fé ilumina a ciência e a ciência pode ajudar a fé.

Ambas, de fato, estão em busca de um único objetivo: a *verdade*, que para uma pode ser sobretudo transcendental e invisível, sustentáculo da criação; para a outra, visível, cumpridora perfeita de sua tarefa quando descobre a causa do tudo.

Pouco depois da descoberta empreendida pelos astronautas<sup>1</sup>, afirmou-se que a ciência está se desenvolvendo tão surpreendentemente, e doando ao homem possibilidades tão extraordinárias que se poderia tornar um ídolo, diante do qual há quem se prostre e quem se assuste. É preciso, porém – como foi salientado – que a ciência, embora grandiosa e admirável, seja recolocada no seu devido lugar e vista, além do mais, como fruto do esforço de homens que podem acertar e também errar.

Podemos - compará-la ao Sol que, concentrado numa lente, é, sem dúvida, diverso do Sol da realidade. A lente, porém, é dele uma pequena e viva representação.

O mesmo acontece com a inteligência humana. Ela concentra em si mesma, em número cada vez maior, as leis disseminadas na criação; pode, de certa maneira, acolher em si a criação. Contudo, é bem diferente o que o pensamento retém e reflete da criação, daquilo que ela é na realidade.

Todavia, as leis da criação são algo objetivo, e portanto, verdadeiro. E o verdadeiro evoca a Verdade absoluta que é Deus.

Após o regresso dos astronautas, o Papa disse, na "Academia Pontifícia das Ciências" que Deus quer ser procurado e encontrado, inclusive através do caminho da ciência, embora mantendo a autonomia entre o saber humano e o da fé.

Se pensarmos, porém, que o homem é uma síntese do cosmo e no passado foi definido como microcosmo; e se meditarmos no fato de que Deus, a Verdade absoluta, fez-se homem em Cristo, homem-Deus, a fé e a ciência se unem. E é também por isso, creio, que o Concílio Vaticano II não teve dúvidas em afirmar que fé e ciência podem ser integradas na unidade do espírito humano.

Esta é a nossa convicção: se a exploração daquilo que foi criado caminha "no mesmo passo" com o estudo de Cristo, a ciência terá inimagináveis iluminações e a fé, por reflexo, poderá encontrar, no universo continuamente redescoberto, novas compreensões do mistério. Na realidade, se nós pudéssemos passar além do véu que encobre a criação, encontraríamos Aquele que sustenta, organiza e move tudo o que vemos. E veríamos — embora na distinção entre a criação e o Incriado — tão grande aderência, aproximação e unidade, que ficaríamos pasmados.

Os místicos tiveram, e não foi raro o caso, intuições ou visões intelectuais daquilo que nós, homens comuns, não podemos ver.

Com maior evidência que a visão que distingue e separa entre si, a flor, o céu, a fonte, o Sol, a Lua, o mar, a noite, o dia, eles viram uma Luz amorosa que tudo sustenta e tudo une, como se a criação fosse um único canto de amor; como se pedras e neve, campos e estrelas estivessem, no mais profundo de seu ser, tão unidos com ela e entre si, a ponto de parecerem criados um em dom ao outro, como se os dois estivessem enamorados.

Pode-se pensar que esta seja a mais profunda causa do *Cântico das Criaturas*, desabrochado do coração e da mente inflamada de amor de Francisco de Assis.

Quando chama de irmão ao Sol e de Irmã à água<sup>2</sup>, não diz algo de poético ou sentimental, mas afirma uma verdade por ele intuída e que pode dar uma contribuição à ciência: a unidade existente em todo o universo.

Descobrimo o criador de todas as coisas e — embora de maneira diferente — pai de cada uma, ele as vê aparentadas entre si.

Por outro lado, também alguns cientistas cheios de fé contribuíram para que se compreendesse melhor a revelação. Um exemplo típico permanece Galileu Galilei. Suas descobertas lançam uma luz sobre o fato de que a Escritura, nas coisas científicas, não deve ser interpretada literalmente como está expressa. É evidente que foi escrita para ser compreensível às pessoas daquela época.

Nos períodos áureos do pensamento católico, teologia e ciência estiveram estreitamente ligadas, mas não foi raro o caso em que a teologia correu o perigo de limitar a liberdade científica. Por este motivo, também a ciência, diante de uma teologia não aberta a um humanismo cristão, achou-se em oposição e dirigiu-se por um caminho autônomo.

Esperemos que agora se inicie uma época em que filosofia, teologia e ciência possam convergir.

De todo coração, façamos votos para que isso aconteça. Daria glória a Deus e também aos homens.

Maritain escreve a esse respeito: "O problema da época em que estamos entrando será o de reconciliar ciência e sabedoria... numa unidade distinta"<sup>3</sup>.

Por enquanto, a própria ciência hodierna com as recentes façanhas dos voos espaciais, pode iluminar alguns aspectos que se referem ao campo da teologia. A ciência, sobretudo em seu *conteúdo humano* pode fazer-nos meditar sobre os mistérios da Igreja que tiveram particular relevo nos nossos tempos.

Os astronautas, em sua viagem para a Lua e em seu feliz regresso, tiveram que observar escrupulosamente as instruções e os determinados modos de agir.

Dois destes podem ser notados mesmo pelo homem mais leigo no assunto: a exigência de um grande entrosamento entre eles e uma perfeita aderência, obediência, dependência e unidade com a base da Terra, onde cientistas e técnicos estavam prontos a oferecer, e no dever de dar, aquilo que os astronautas não tinham ou não sabiam.

Um dos melhores frutos do Concílio Vaticano II, que quis estudar a verdadeira face da Igreja, foi o de apresentá-la não só em sua perfeita unidade, mas na sua variedade.

O fato de ter autorizado e encorajado o verdadeiro pluralismo é sinal de maturidade e faz prever aprofundamentos nunca imaginados que darão relevo às extraordinárias belezas que cada Igreja local encerra.

A variedade, logicamente, só é possível na unidade, como em Deus a Trindade subsiste com a Unidade.

Ora, para que as Igrejas locais possam, o mais eficazmente possível, cumprir suas próprias tarefas na Igreja universal, para o bem da humanidade, Cristo pede uma dúplice atitude.

A primeira é a unidade, comunhão, entrosamento sobrenatural e humano, entre os membros da própria Igreja local.

Num discurso dirigido à Conferência Episcopal Italiana, o Papa, auspiciando que o laicato católico seja hoje como Deus o quer, disse: "Então, a Igreja verá tempos novos; a Igreja ver-se-á modelada na primitiva tradição cristã... verá sua união fortificar-se na concórdia fraterna e na caridade operante: verá sua irradiação no mundo se tornar mais ampla e mais benéfica"<sup>1</sup>.

Enfim, o Papa prevê um retorno ao testemunho do "um só coração e uma só alma"<sup>2</sup> dado pelos primeiros cristãos.

A segunda atitude pedida por Cristo às Igrejas locais é a unidade com a "base": Pedro.

Neste tempo, em que se enfatizou a verdade e o valor da colegialidade, não se pode esquecer que somente a uma pessoa Jesus disse: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja"<sup>3</sup>. O Papa é, com efeito, "visível princípio de unidade, seja dos bispos, seja da multidão dos fiéis"<sup>4</sup>.

Se para voar nos espaços e não comprometer tudo, é necessário manter-se, em determinados limites estabelecidos pela base, para levar as almas ao Reino dos céus, as Igrejas devem permanecer no único caminho indicado por Cristo: a unidade com o Papa.

As Igrejas locais não podem se eximir de perguntar humildemente ao sucessor de Pedro, assim como os astronautas faziam com a base de Houston: "Como é que vão as coisas?" E é o Papa que tem o carisma para dizer se estamos ou não no caminho certo.

Esta dúplice atitude de profunda união dos membros entre si e com Roma, faz com que – pelo mistério do corpo místico, constituído à imagem da santíssima Trindade – em todo lugar onde há uma Igreja, aí esteja a Igreja.

Ora, se isto vale para as Igrejas instituídas por Cristo sobre o fundamento dos Apóstolos, com maior razão vale para qualquer grupo espontâneo ou movimento, que tenha surgido ou possa surgir entre os fiéis.

Se assim for, constataremos – imersos numa florescente primavera universal – que, no mais pequeno recanto habitado por cristãos, será verdadeiro o que disse São Boaventura: "Onde dois ou três estão unidos em nome de Cristo, aí está a Igreja".»<sup>5</sup>

*Chiara Lubich*

<sup>1</sup>Em 21/7/1969 os dois americanos Armstrong e Aldrin desembarcaram na Lua, no «Mar da tranquilidade»

<sup>2</sup>Cf. S. Francesco d'Assisi, *Il cantico delle creature*, in *Fonti Francescane*, I, Assisi 1977, p. 178.

<sup>3</sup>Cf. J. Maritain, *Scienza e saggezza*, Torino 1964, p. 79.

<sup>4</sup>*Insegnamenti di Paolo VI*, VIII, 1970, p. 300.

<sup>5</sup>Cf. At 4, 32.

<sup>6</sup>Mt 16, 18.

<sup>7</sup>*Lumen gentium*, 23.

<sup>8</sup>Cf. S. Bonaventura, Coll. in Hex., I, 5, Firenze 1934, p. 2. Cf. anche Tertulliano, *De exhort.*, cast., 7: PL 2, 971.